Discurso pronunciado pelo presidente estadual do PCdoB, Luís Carlos Paes de Castro, na Sessão Solene da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará em homenagem aos 100 anos do Partido em 21 de março de 2022

Boa noite a todas e todos,

Inicialmente, em nome da direção estadual, gostaria de agradecer aos deputados Augusta Brito e Carlos Felipe que solicitaram esta Sessão Solene.

Saudação à mesa, aos militantes e amigos presentes.

No Brasil, a participação política do povo trabalhador sempre foi muito reprimida, mesmo nos momentos de mais liberdade como no fim da segunda guerra mundial até 1947, nos anos que antecederam ao golpe de 1964 e, mais recentemente, com o fim da ditadura militar.

Descompromissadas com um projeto de país soberano, as chamadas “elites brasileiras”, em geral, aceitam o papel de sócias minoritárias dos monopólios estrangeiros, contentando-se com as sobras resultantes da superexploração dos trabalhadores, como ocorre nestes tempos de financeirização da economia e desregulamentação do trabalho.

Para atingir seus objetivos nunca hesitaram em patrocinar os mais diversos atos de violência contra os que reivindicavam seus justos direitos.

Mais recentemente, assistimos à campanha de desestabilização do governo Dilma desde os atos de junho de 2013 até o seu afastamento ilegal em 2016. Por último, menos de três anos após o golpe, vemos chegar à presidência um ex-militar defensor da prática da tortura, inimigo da ciência, das artes e avesso à democracia. Tudo arquitetado por ordem do império decadente e com o beneplácito da maior parte dessas elites.

Nesse contexto, sempre foi difícil a vida dos comunistas. Foram mais de sessenta anos de ilegalidade. Não foram poucas as demissões, cassações, exílios, prisões, torturas e assassinatos.

Por tudo isso, não é pequena a façanha de manter vivo, por tanto tempo, um partido como o PCdoB. Podemos atribuir a proeza desta longevidade, em primeiro lugar, aos sublimes objetivos que influenciaram o seu surgimento e que permanecem até hoje, quais sejam, a defesa da soberania da nação brasileira, a luta por uma democracia mais avançada e, por fim, a emancipação da classe trabalhadora.

Em segundo lugar, a capacidade de ação e dedicação à causa por parte de centenas de milhares de homens e mulheres que construíram e constroem esta legenda até os tempos atuais.

Falemos então um pouco dessa história no Ceará.

No ano de 1927, o Partido surgiu quase que de forma concomitante em Fortaleza e em Camocim. Retornando à Capital, vindo do Congresso da Confederação Geral do Trabalho com a tarefa de organizar o Partido, o sindicalista José Joaquim de Lima com seus camaradas José Borges da Silva, Antônio de Oliveira, Luís Gomes, Lúcio Sotero, João Francisco de Mendonça, Antônio Marcos Marrocos, Paulino de Morais, Clóvis Barroso e Lafite Barreto cumpre a sua missão. Por outro lado, o professor Francisco Theodoro Rodrigues, responsável pelo jornal O Operário, fazia o mesmo em Camocim com seus camaradas Pedro Teixeira de Oliveira, Raimundo Ferreira de Sousa e João Farias de Sousa.

Nos seus primeiros anos, o Partido seguindo a via férrea, desenvolve intensa atividade entre os trabalhadores, propiciando o surgimento de vários sindicatos. Em 1930, através do Bloco Operário e Camponês, lança os primeiros candidatos comunistas, Lúcio Sotero ao Senado e Joaquim Pernambuco para a Câmara dos Deputados.

Em 1931, dezessete dos principais dirigentes comunistas são presos e enviados para o Rio de Janeiro.

Em 1935, o Partido retorna com força à cena política, organizando a Aliança Nacional Libertadora (ANL) cujo lema era “Pão, Terra e Liberdade”. Dez mil pessoas comparecem ao ato de lançamento da ANL em Fortaleza.

O crescimento da ANL deixa o governo e os setores mais conservadores atemorizados. O governo Vargas fecha a ANL e interdita suas sedes. Diante desta investida repressiva o Partido, influenciado por ideias militaristas e voluntaristas, sem preparar o povo para o confronto, organiza levantes armados baseados quase que exclusivamente nos quarteis em Natal, Recife e Rio de Janeiro que são derrotados pelo exército. Apesar de seus erros, a insurreição de 1935 constitui fato memorável na luta do povo brasileiro por sua emancipação.

A derrota da insurreição é seguida de intensa perseguição aos comunistas em todo o país. Em Fortaleza, ocorrem mais de duas mil prisões. Em junho de 36, próximo de Camocim, ocorre o Massacre do Salgadinho, quando os militantes Miguel Pereira Lima e Luís Manuel dos Santos são assassinados e um terceiro, Raimundo Ferreira de Souza, é morto em decorrência das torturas.

Em 1945, beneficiado pela anistia e com a legalidade o Partido passa a atuar com maior desenvoltura. Em 19 de outubro de 1946, promove, com a presença de Luís Carlos Prestes, o maior comício até então realizado no Ceará. Nas eleições para a Constituinte Estadual, em 1947, organizado em mais de uma dezena de municípios lança uma chapa com mais de vinte nomes e obtém importante vitória, elegendo dois deputados, o médico José Pontes Neto e o pedreiro José Marinho de Vasconcelos, sendo a segunda legenda mais votada em Fortaleza, atrás apenas da UDN.

Ainda em dezembro de 1947, já com o seu registro cassado, o Partido demonstra novamente muita força na capital. Os comunistas apoiam Acrísio Moreira da Rocha que se elege prefeito e concorrem à Câmara Municipal pelo Partido Republicano (PR), o partido de Acrísio. O PR elege onze vereadores, entre eles sete comunistas (Américo Barreira, Alísio Mamede, Teófilo Cordeiro, Lauro Brígido Garcia, Isaac Maciel, Alexandre Valentim e Manoel Feitosa). José Júlio Cavalcante, se elege como candidato independente e se incorpora à Bancada Popular que passa a reunir oito dos 21 vereadores da cidade. Neste mesmo ano, o Partido elege o camarada Pedro Rufino vereador em Camocim.

Mas a vida não seria fácil, o alinhamento do governo Dutra com o imperialismo norte-americano, no início da Guerra Fria, traz um novo período de caça aos comunistas. Repetem-se as cenas de perseguições e prisões, o que não impede o Partido de continuar desenvolvendo o seu trabalho na capital e no interior.

É importante destacar, o papel que o jornal O Democrata, adquirido em março de 46, desempenhou na organização partidária e na divulgação das ideias socialistas. Annibal Bonavides, Elias Trindade e Stélio Mendonça assumiram a direção do jornal que aglutinou diversos quadros e intelectuais, transformando-se numa verdadeira escola do jornalismo local.

No início da década de 1960, o Brasil estava em franca ebulição e os comunistas viviam numa situação de semilegalidade. O movimento sindical, que se fortalecera desde os anos 50, tinha os comunistas José Leandro Bezerra na direção da Federação das Associações de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Ceará (FALTAC) e Moura Beleza na direção do Pacto de Unidade e Ação Sindical.

Nesse período, no âmbito nacional, desenvolvia-se uma profunda luta interna que teve início na década anterior, em especial, a partir da divulgação da Declaração de Março de 1958 e se manifestou intensamente no V Congresso em 1960, desembocando na fundação de uma nova legenda, em agosto de 1961, o Partido Comunista Brasileiro. Com o objetivo de legalizá-lo, a maioria do Comitê Central, sem a necessária autorização congressual, além da mudança do nome, promove alterações profundas no programa e estatutos, excluindo a afirmação de que o Partido se orienta pelo marxismo-leninismo e pelo internacionalismo proletário. Num primeiro momento, cerca de cem camaradas exigem a anulação daquelas medidas ou a realização de um novo Congresso. A exigência é respondida com sanções antiestatutárias. Na defesa do Partido, militantes de vários estados convocam uma Conferência Nacional Extraordinária, que se realiza em fevereiro de 1962. Destacaram-se entre os principais organizadores desta conferência os camaradas João Amazonas, Maurício Grabois, Pedro Pomar, Carlos Danielli, Ângelo Arroyo, Lincoln Oest, José Duarte e Elza Monnerat. Na ocasião, a liquidação do velho Partido Comunista do Brasil é rejeitada, o nome original é mantido e é aprovado um programa revolucionário com base na teoria marxista-leninista aplicada à realidade brasileira.

Num período em que prevalecia um sentimento de que era possível realizar as profundas transformações necessárias ao País através de sucessivos governos democráticos como os de JK e Jango, o novo PCB, sob o comando de Luís Carlos Prestes consegue aglutinar o maior número de quadros e militantes. No final de sua vida, Prestes faz autocrítica e reconhece como um erro a adoção daquela política reformista e de conciliação de classes que levou à divisão do Partido.

No Ceará, o velho Partido Comunista do Brasil só começa a se reorganizar após o golpe de 64, quando ficou claro para muitos militantes os erros da política adotada pelo PCB. Os primeiros contatos da direção do PCdoB com os cearenses ocorreram em 65, através dos camaradas José Augusto Meneses e José Ferreira de Alencar. Em seguida, são contactados Miguel Cunha Filho, Ozéas Duarte, Walton Miranda, Gilberto de Sá, Francis Vale, João de Paula, Pedro Albuquerque, Marcondes Oliveira e Sílvio Mota. Neste mesmo ano, acontece uma conferência estadual que elege o professor universitário Miguel Cunha Filho como Secretário Político da nova direção.

Embora ainda pequeno, o PCdoB passa a desenvolver uma ação ampla na categoria de bancários através dos camaradas César Uchoa, Aureliano Oliveira, Gil de Sá, Benedito Bizerril, Vilmar Alencar, Antônio Cavalcante, Getúlio Vargas de Menezes, Júlio César Lima e Eliomar Bastos, entre outros. O mesmo ocorre entre os estudantes onde se destacam João de Paula, José Genoíno, Sérgio Miranda, Bergson Gurjão, Patinhas, Assis Aderaldo, Vicente Walmick, Adanícia Diógenes, Helena Lutéscia, Edson Pereira, José Rufino, Pedro Albuquerque, Marcos Sampaio, Paulos Abreu, Claudio Meneses, Márcia Pinto, João Luís e Cosme entre os universitários e Dower Cavalcante, Glênio de Sá, João Teixeira, Vera Ilka, Luiz Pedro de Oliveira e Silva (Pituba), Paulo Verlaine e Luiz Carlos Antero entre os secundaristas.

Em 1968, sob a liderança dos comunistas, o DCE da UFC realiza grandes manifestações de rua que aglutinam, além dos universitários e secundaristas, diversos segmentos na luta pela democracia. Por outro lado, o Sindicato dos Bancários organiza a maior greve de trabalhadores daquele período, com o protagonismo dos comunistas. A partir destas ações o PCdoB se projeta como a principal força de esquerda na resistência democrática em nosso estado.

Em seguida, mesmo em condições difíceis com a edição do AI-5, em dezembro de 68, o Partido continuou atuando e se expandindo para o interior. Na região do Cariri, organiza-se uma rota de passagem para os militantes oriundos da Ação Popular que eram direcionados para o Norte, em apoio à Guerrilha do Araguaia. Na região de Crateús, se organiza um amplo trabalho dirigido por Wladimir Pomar, que junto com os camaradas Washington Luiz, Bartolomeu, Dotô Gonçalves, Alzira, Antônio Marques, Zé Maria Pedreiro, Painho e outros, recrutam mais de cem militantes.

A partir da deflagração dos combates no Araguaia em 1972, a repressão se intensifica contra o PCdoB. É importante registrar que sete jovens cearenses (Bergson Gurjão, Custódio Saraiva, Teodoro de Castro, Jana Barroso, Dower Moraes, Pedro Albuquerque e José Genoíno), além do potiguar Glênio de Sá e da pernambucana Tereza Cavalcanti, que viviam e militavam em Fortaleza, participaram daquela epopeia.

Em 1973, a ditadura desfere um duro golpe, prendendo todo o Comitê Regional do Ceará e mais três dezenas de militantes. Neste mesmo ano, novas prisões em Iguatu e no Cariri, desarticulam o trabalho partidário. A região de Crateús, a única que não sofreu baixas decide, por questões de segurança, desmobilizar o trabalho.

Depois destes golpes, a reorganização partidária só é retomada em 1975, quando o Comitê Central envia a camarada Gilse Cosenza e o camarada Abel Rodrigues Avelar para o Ceará. Aqui chegando, procuram os camaradas Benedito Bizerril e Edson securitário e a partir de então o Partido retoma suas atividades, ininterruptamente, até os dias de hoje.

 Aspecto relevante na retomada das lutas democráticas coube à imprensa alternativa que produziu vários jornais em todo o País. Destaque para o jornal Movimento, de caráter nacional e o Mutirão aqui no Ceará. O Partido cumpriu importante papel nestes dois órgãos de imprensa que reuniam em seu entorno uma grande militância democrática e progressista. A atuação no Mutirão, no Movimento, na Tribuna da Luta Operária, jornal de massas do PCdoB e na Classe Operária, órgão do Comitê Central, deram grande impulso no processo de reconstrução partidária.

No final da década de 1970, é retomado o trabalho entre os estudantes que tem seu ponto alto na reorganização do DCE da UFC em outubro de 79. Nesse período, o Partido também se organiza nas categorias de bancários, metalúrgicos, gráficos e médicos entre outras. O Partido também constrói bases em vários bairros e comunidades da periferia de Fortaleza, que participam das associações e criam o Movimento Interbairros, embrião da Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza.

Sob a direção do Partido foi organizado o Centro Popular da Mulher que teve destacada atuação na frente de mulheres, defendendo uma política emancipacionista.

Ainda no período da ditadura o trabalho partidário também se expandiu para o interior quando foram deslocados vários quadros com a tarefa específica de construir o Partido no Crato (Dr. Edilson Melo), Iguatu (Luiz Carlos Antero), Crateús (Gondim), Aratuba (Dra. Aldaiza Ribeiro), Sobral (Veveu) e Aracati (Dr. Evaldo). Fruto deste trabalho, o Partido elege em 1982, pela legenda do PMDB, os vereadores Evaldo em Aracati, Valdir em Aratuba, além do Macambira em Caucaia e do Chico Lopes em Fortaleza.

Em 1984, o Partido desempenha importante papel na luta pelas Diretas Já, mobilizando o povo para todas as atividades daquela grande campanha cívica. Em seguida, participa ativamente da campanha pela eleição de Tancredo/Sarney no Colégio Eleitoral, pondo fim ao regime militar e conquistando mais uma vez sua existência legal.

Neste período mais recente, pós-ditadura, a história é mais conhecida de todos. O PCdoB continuou atuando nos movimentos sociais, ampliou sua ação no interior e passou a ter uma maior presença na vida institucional. Em 1990, elegemos Inácio Arruda como deputado estadual e, em 94, 98 e 2002 como deputado federal com expressivas votações. A partir de 1998, Chico Lopes, João Ananias, Lula Morais, Augusta Brito e Carlos Felipe foram eleitos deputados estaduais. João Ananias e Chico Lopes também se elegeram deputados federais. Em 2006, Inácio Arruda transformou-se no segundo comunista a ser eleito para o Senado da República, depois de LC Prestes.

A partir de 2006, com a eleição de Cid Gomes, o Partido pela primeira vez participa do governo estadual com o camarada João Ananias ocupando a Secretaria de Saúde. Desde então, o PCdoB tem participado da gestão estadual procurando contribuir com um projeto de desenvolvimento mais democrático e inclusivo.

Hoje, camaradas e amigos, vivemos uma época bastante complexa, com grandes tensões no plano mundial. São as dores do parto de uma nova era, caracterizada por um novo mundo multipolar.

A China, dirigida pelo Partido Comunista, foi o País que mais cresceu nos últimos 40 anos. Já ultrapassou os Estados Unidos, se comparadas, as duas economias, pela Paridade do Poder de Compra, o que deve acontecer também em relação ao PIB nominal nos próximos anos. Por isso passou a ser o principal alvo dos norte-americanos. A Rússia por sua vez, depois do desastre com o fim da União Soviética e a profunda crise econômica e social na década de 1990, retoma, no século XXI, o seu poder nacional transformando-se em outro polo importante. A Índia, o Irã, a Síria e diversos países da Ásia, África e América Latina também buscam, cada um segundo suas características próprias, construir projetos de desenvolvimento que se contrapõem aos interesses da superpotência até então hegemônica.

O atual conflito militar na Ucrânia é emblemático. É uma guerra por procuração, arquitetada pelo imperialismo, que começou com a revolução laranja de 2004 e se intensificou a partir do golpe de 2014. Na realidade, os Estados Unidos nunca se conformaram apenas com a destruição da União Soviética. Pretendem humilhar e dividir a Rússia, impedindo-a de se transformar num competidor forte em escala mundial. O imperialismo e a Otan, seu braço armado, não se importam sequer em concertar alianças com grupos neonazistas e patrocinar legiões de mercenários, como já fizeram em outras ocasiões. A situação, entretanto, é desfavorável e o mundo unipolar com os Estados Unidos no papel de xerife do planeta está chegando ao fim.

No Brasil, o reflexo deste quadro mundial somado às características próprias de nossa formação econômica, social e política nos levam também a um ambiente de muita tensão e que envolve graves riscos. O atual governo destrói a nação a passos largos. Pretende levar o País de volta à condição de colônia, transformar os trabalhadores em semiescravos e instaurar um Estado autoritário. Deseja, a todo custo, se manter no Poder. Fará de tudo para vencer as eleições. Derrotado, mobilizará seus seguidores fanáticos, sob o argumento da fraude eleitoral, para tentar impedir a posse dos eleitos. De qualquer forma, continuará com a escalada de ódio e violência contra um eventual governo progressista.

Mas, assim como o Império, Bolsonaro também enfrenta dificuldades. É rejeitado pela maioria do povo. Entretanto, para derrotá-lo, garantir a posse e a governabilidade de um novo projeto será necessária a construção de uma frente política que tenha como centro as forças progressistas e que aglutine setores mais amplos da sociedade brasileira, combinando com uma imprescindível e crescente mobilização popular, durante a campanha e depois das eleições, objetivando impulsionar as mudanças.

E assim, ao mesmo tempo, em que rendemos nossas homenagens a todos os comunistas, conclamamos a todos (as) para esta grande e decisiva batalha que tem por objetivo eleger um novo presidente, governadores e senadores comprometidos com um programa de reconstrução nacional, e uma grande bancada de comunistas no Congresso e nas casas legislativas estaduais.

Viva o povo brasileiro!

Viva a democracia!

Viva o socialismo!

Longa vida ao Partido Comunista do Brasil!